

## **ESTRATÉGIAS DE LEITURA E DE ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: EXPERIÊNCIAS NO PIBID**

Dafne Barros Araujo: Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPI. Integrante do Programa Prodocência e Pibid /Capes-2011.

Stefane Karine Alves da Silva: Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPI. Integrante do Programa Pibid /Capes-2011.

Mayara Monteiro Andrade: Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPI. Integrante do Programa Prodocência e Pibid /Capes-2011.

Jucyelle da Silva Sousa: Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPI. Integrante do Programa Prodocência e Pibid /Capes-2011.

Antonia Dalva França Carvalho: Doutora em Educação. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. Coordenadora do Programa Prodocência e Pibid/Capes-2011.

### **1 Introdução**

Em 2007 o governo federal lança o programa Mais Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. O programa tem como objetivo desenvolver atividades sócio-educativas no contra turno escolar, na perspectiva de ampliar tempos, espaços, número de atores envolvidos no processo e oportunidades educativas em benefício da melhoria da qualidade da educação dos alunos brasileiros.

Quando a escola adere ao programa passa a ser denominada de escola de tempo integral. Ao fazê-lo, necessita adaptar-se para possibilitar a permanência do aluno por sete horas. Os professores e os outros atores escolares, também necessitam permanecer nela por este tempo.

No que pese às críticas ao modelo de escola de tempo integral, Paro (1988) lembra que o aumento do tempo da escola requer, *a priori*, a definição por uma educação de qualidade; deve-se pensar, primeiramente, na personalidade integral das crianças e como se desenvolver a cidadania. O autor entende que a educação verdadeira consiste na passagem da cultura, para o desenvolvimento da cidadania e que para construir personalidades é preciso educação no sentido integral, que integre vida e escola. Gonçalves (2006) corrobora este pensamento deduzindo que somente faz sentido pensar na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de escolas de tempo integral, se considerar uma concepção de educação integral com a perspectiva de que o horário expandido represente uma ampliação de

oportunidades; que promovam situações de aprendizagens significativas e emancipatórias (DEWEY 2002; HABERMAS, 2002)

Neste sentido, Alarcão (2001, p.27) conclui afirmando que "se quisermos mudar a escola devemos assumi-la enquanto organismo vivo, dinâmico, capaz de atuar em situação [...] de interagir e desenvolver-se ecologicamente e de aprender a construir conhecimento sobre si próprio neste processo."

Entretanto, a literatura aponta que apesar do modelo atual de escola de tempo integral ter os mesmos princípios escolanovistas, ainda não foi possível estabelecer um consenso sobre seus aspectos formativos.

Embora a temática da escola de tempo integral seja frequente em alguns discursos, ainda é pouco estudada, o que implica a necessidade de ampliação dos debates que estabeleçam, de modo substantivo, elementos que auxiliem a compreender e construir as práticas de educação integral existentes. Nosso olhar incide sobre o tratamento dado a leitura e a escrita neste modelo no Centro de Educação Integral Darcy Araújo.

Tomando como base nossas experiências no âmbito do Pibid, em uma turma de 4º ano de uma escola fundamental de tempo integral de Teresina, focalizamos uma ação que fundamenta e precede todos os conteúdos previstos na matriz curricular nesta série: o processo de leitura e escrita, que é considerado por Klein (1995) como uma prática interdisciplinar. A leitura e a escrita são instrumentos necessários para a realização de novas aprendizagens e deve ser trabalhado continuamente, isso nos faz refletir acerca de diversas estratégias pedagógicas que estão contribuindo para que os alunos redescubram esse processo de leitura e de escrita e sobre quais as práticas incentivadoras das mesmas são norteadas pelos professores, assim como as dificuldades enfrentadas pelos alunos nesse processo e como uma escola de tempo integral trabalha com essa prática.

Embora leitura e escrita se complementem ambas se constituem processos complexos e distintos. A escrita pode ser compreendida como uma representação simbólica da linguagem falada, porém não consegue ser totalmente fiel a ela, pois as possibilidades do uso da linguagem falada são inúmeras, e a escrita tenta apenas aproximar-se desse universo (FERREIRO 2001). Pode ser compreendida como uma das formas superiores da linguagem; requer que a pessoa seja capaz de conservar a ideia que tem em mente, ordenando-a numa determinada sequência e relação. Escrever significa relacionar o signo verbal, que já é significado, a um signo gráfico; planejar e esquematizar a colocação correta de palavras ou

ideias no papel. O ato de escrever envolve, portanto, um duplo aspecto: o mecanismo e a expressão do conteúdo ideativo.

A leitura é a forma como se interpreta um conjunto de informações presentes em um livro, uma notícia de jornal, ou um determinado acontecimento. É uma interpretação pessoal. O hábito de leitura é uma prática extremamente importante para desenvolver o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação e que deve estar presente de forma contínua no processo ensino aprendizagem. Na acepção de Souza (1995, p.61):

"Atualmente se admite que a leitura seja um processo de interação entre o texto e o leitor, é um processo ativo que não se esgota meramente no sentido literal. Nesse aspecto, a leitura passa a ser entendida como um ato social entre leitor e autor que participam de um processo interativo."

Com base nesse aspecto de leitura e escrita e a nossa inserção como bolsistas do Pibid, nos questionamos: como ocorrem as práticas de leitura e escrita no processo de ensino e de aprendizagem? Considerando que o aluno, o leitor, não é um mero receptor de informações ou decodificador de códigos linguísticos, quais as estratégias que o professor utiliza em sala de aula que favorece a compreensão do texto, isto é, a aprendizagem do conteúdo estudado?

Abreu (2009) compreende que as práticas de compreensão e produção textual são consideradas atos de intercriação, em razão de que autor e leitor se comunicam intertextualmente, ou dialogicamente na perspectiva de Habermas (2002) à medida que o aluno é inserido em práticas ou em projetos que primem pela relação intersubjetiva e pela abertura da escola à sua realidade contextual. Foucambert (1994) acrescenta que a leitura requer em autoquestionamento por parte do indivíduo, uma vez que ela remete a reflexões de que ele é capaz de levantar de si e do mundo que o cerca. Implica, portanto, em novas descobertas, em construção de conhecimento; em aprendizagens, pois, o autor entende que certas respostas podem ser encontradas na escrita.

Na escola todo conhecimento adquirido passa pela escrita, desde o planejamento do professor até a avaliação de conteúdos realizada pelos alunos. Leitura e Escrita são consideradas a “grosso modo” como via de mão dupla, uma só é bem feita quando a outra também é. Só se escreve bem tendo contato com a leitura e vice-versa FERREIRO; TEBEROSKY (1985).

Entende-se aquisição da língua escrita a partir da consciência de que para cada grafema há um fonema, ou seja, para cada letra existe um som. Aprender a escrever pode

parecer simples, mas é algo complexo e muito esperado por todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem: os alunos, os professores e os pais. Definimos a escrita como sendo a representação gráfica com significados. A compreensão de que a escrita representa essa sequência fonológica (o significante) e não diretamente o significado das palavras não é tarefa fácil para as crianças Nunes (1992 Apud Carvalho, 1998).

Embora na etapa da alfabetização a criança tenha adquirido esta consciência, e represente um fonema através de um grafema, o processo de alfabetização continua nas séries subsequentes, uma vez que nesta etapa muitas questões referentes à língua ainda estão por ser resolvidas. A alfabetização apesar de ser considerada como base para o avanço do aluno, em alguns casos a mesma não é completa. A exemplo, em nosso estudo observamos que alunos do quarto ano do ensino fundamental podem ter bastantes dificuldades em escrever.

Assim, é pertinente também questionar como está organizada a trajetória de construção de conhecimento pelo uso da leitura e da escrita nesta série?

Sabe-se que no processo de construção de novos conhecimentos é fundamental oportunizar ao aluno situações intelectuais (individuais ou coletivas) com o objeto, a fim de socializar e confortar as concepções acerca da língua. Favorecer então experiências com diferentes suportes de leitura e escrita, isto é, mostrar, reproduzir textos com finalidades diversas: narrar, pedir, descrever, listar, entre outras, é sem dúvida, conduzi-la a uma aprendizagem por meio de descobertas. Descobrir é a palavra-chave, e se concretiza com um ato inteligente, verdadeiro e assimilativo.

Estudos tem confirmado que a escola pode influenciar o aluno, desde muito cedo a pensar sobre as palavras e seu conteúdo no decorrer do ensino-aprendizagem, considerando sua capacidade intelectual (como sujeito), de interagir com o objeto (a língua), mediante orientação do professor. Apontam também que o sucesso da aprendizagem depende da qualidade das atividades desenvolvidas, para conduzir o sujeito (a criança) a testar suas hipóteses e, a partir de uma ação inteligente constata-las.

Porém, observa Brito (2007), “a prática da escola parece distanciada da funcionalidade da escrita no contexto da sociedade, limitando-se aos usos mecânicos e descontextualizados”. Tal prática encontra-se arraigada à educação bancária (FREIRE, 1996) e numa concepção da língua escrita como algo abstrato, reduzido ao “domínio das habilidades de codificação”.

Assim, instigadas a compreender como ocorre a prática da leitura e da escrita em uma turma de quarto ano de uma escola de tempo integral caminhamos no sentido de analisar a

trajetória da construção do conhecimento estabelecido pelo currículo a partir desses processos.

## **2 Metodologia**

Nossa pesquisa tem a natureza qualitativa por buscar respostas para uma questão particularizada e expressar estas respostas de modo qualitativo. Com efeito, a pesquisa qualitativa, se preocupa com o um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO 1995 p.21-22).

Nossa abordagem será etnográfica, uma vez que a ideia é descrever como ocorre o processo de ensino aprendizagem através da leitura e da escrita, considerando o contexto em que ele ocorre. Matos (2004, p.3) colabora na compreensão do conceito de etnografia ao afirmar que

Grafia vem do grego Graf(o) significa escrever sobre um tipo particular – um etn(o) ou uma sociedade em particular. Antes de investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade eles escreviam todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles desconhecidos. Etnografia é a especialidade da Antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo.

Portanto, nossa pesquisa tem abordagem etnográfica porque busca compreender a realidade do objeto estudado e procura descrever situações referentes á pratica da leitura e a escrita na ecologia da sala de aula. Para produzir os dados que possam captar esta realidade, foram utilizados a observação participativa, por entendê-la como atividade situada no lócus da investigação e a entrevista semi-estruturada por facilitar ao entrevistador um diálogo menos formal e que é de fácil adaptação nas interações com os sujeitos investigados, isto é, alunos, professora e a própria ecologia da sala de aula.

Neste sentido, tendo como foco a interpretação e a descrição das ações que envolvem o contexto pesquisado, os dados serão ordenados, mapeados, classificados (categorizados) e analisados, considerando a relação entre estes, os referenciais de pesquisa e as questões com base na hermenêutica.

A hermenêutica se move entre os seguintes termos: compreensão como a categoria metodológica mais potente no movimento e na atitude de investigação, liberdade, necessidade, força, consciência histórica, todo e partes, como categorias filosóficas fundantes e significado, símbolo, intencionalidade e empatia como balizas do pensamento (MINAYO 2002 p.83-84).

### **3 Resultados preliminares e discussão**

Como dito anteriormente, o trabalho desenvolvido tem como objetivo analisar o processo de leitura e de escrita no quarto ano de ensino fundamental em uma escola de tempo integral. A escola de tempo integral possui diversos projetos de assistência que trabalham com a leitura e a escrita, como o Programa Mais educação que é um programa característico deste modelo de escola e visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar, tendo como base estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Esse programa dentro da instituição estudada promove aulas de alfabetização que contribuem para a aprendizagem significativa, favorecendo o letramento e a compreensão da leitura e da escrita pelos alunos que ali estudam. A escola em tempo integral onde realizamos a pesquisa também se destaca pelo uso contínuo de exposições com temas diversificados nas paredes da escola, essas exposições que são feitas através de murais contribuem no contato intenso dos estudantes com a leitura. Segundo (Kleiman 2000, p.17) “[...] na estrutura expositiva, [...] Pode-se dizer que a ênfase é temática, está nas ideias e nas ações”.

Os primeiros resultados da nossa investigação sobre as estratégias de leitura e escrita originam-se das observações em sala de aula, pois essa é uma das técnicas de que o pesquisador dispõe para melhor conhecer o comportamento do ambiente investigado, além de permitir avaliar e diagnosticar, identificando as dificuldades e desempenho.

Observou-se que no processo de leitura e de escrita que algumas estratégias tornam-se eficientes no sentido de significar a leitura e a escrita. Entre elas o uso de gibis as histórias. Esta estratégia estimula os alunos a gostarem de escrever e recontarem, através da escrita, historinhas. Também identificamos outras táticas, que foi a confecção de um mural onde os alunos colocam seu nome e retiram um livro semanalmente, fazendo assim, várias marcações durante o ano letivo. Após essa leitura a professora conversava com os mesmos para, juntos, discutir e escrever o que havia sido estudado. Assim, o aluno expunha suas ideias e dessa forma adquiriam maior autonomia e através dessas práticas. Constatamos que muitos alunos

melhoraram de forma significativa a escrita e a leitura. Estes achados coincidem com as afirmações de Carvalho (2002), que preconiza que a aprendizagem da leitura se torna mais eficiente quando os leitores trazem o conhecimento a respeito das convenções, características, tipo de estrutura do texto cuja leitura vai iniciar.

Outras estratégias foram identificadas, mas vale destacar outra estratégia: o varal, que é utilizado ativamente com amostras de textos de diversos temas. Dentre esses textos, destacam-se poesias, cartas, contos e crônicas que são retirados e trocados semanalmente por outros. O tempo exposto é pequeno, mas desperta o interesse desses alunos. Muitas vezes quando terminam o exercício em sala de aula, costumam ficar em frente ao varal lendo coisas novas, e sempre que a leitura é feita surgem em seguida à escrita, pois eles sentem a necessidade de expressar aquilo que leram, caracterizando a linguagem, como lembra Kleiman (2000, p.65), como um “instrumento mais eficiente para interferir na vida interior dos outros”.

Observamos ainda que, apesar da riqueza destas práticas de leitura e de escrita, o cotidiano na sala de aula ainda é fundado no ensino tradicional, conservador e autoritário, que contribui para algumas dificuldades na aquisição da leitura enfrentadas por essas crianças.

#### **4 Considerações finais**

A aquisição da língua escrita é um processo que se inicia na educação infantil. Com base neste argumento espera-se que no 4º ano o aluno já apresente domínio da mesma. Porém, na realidade buscada, notadamente, os alunos em sua grande maioria ainda apresentam dificuldades na aquisição da língua escrita.

Estas dificuldades estão sendo tratadas através do aperfeiçoamento da leitura e da escrita no processo contínuo de ensino aprendizagem que vem sendo realizado de forma positiva pelo Centro de Educação em Tempo Integral Professor Darcy Araújo. Em conformidade com a análise preliminar da metodologia utilizada no processo de ensino e de aprendizagem, percebemos que o incentivo à leitura e à escrita, são caracterizados por produções textuais que envolvem os diversos gêneros textuais favorecendo enriquecimento e constante aperfeiçoamento das mesmas pelos alunos.

Se a educação integral é aquela que considera o sujeito em sua condição multidimensional, biopsicossocial, na assertiva de que este sujeito é epistêmico e que está em

processo de desenvolvimento contínuo, a escola de tempo integral necessita realizar o acompanhamento diário do aluno com este fim. Isso implica dotar esta escola de metodologias, saberes capazes de tornar este espaço propício para a construção de identidades, de cidadania e de personalidades; um espaço que integre vida e escola e que saiba lidar com as diferenças sociais.

Assim sendo, tomando o pensamento de Ferreira (2001), esta escola deve possibilitar práticas que evitem o aluno a pensar que o conhecimento já foi estabelecido como um conjunto de coisas fechado, sagrado, imutável e não modificável. Como também deve evitar práticas que levam o aluno a ficar de “fora” do conhecimento como expectador passivo ou receptor mecânico, sem nunca encontrar respostas aos “porquês” e aos “para quês” que já nem sequer se atreve a formular em voz alta. Paradoxalmente. Deve propor práticas que problematize este conhecimento e desafie o aluno intelectualmente.

E neste aspecto, ressaltamos que programas existentes interior das escolas como o Pibid e o Mais Educação, são de grande reforço para estimular esta nova forma da escola permitir o acesso ao conhecimento, colaborando assim com a transformação do ambiente escolar capaz de desenvolver o aluno em sua integralidade.

## 5 Referências

ABREU, Ana Sílvia Couto de. **Leitura e escrita enquanto práticas discursivas: construindo filiações.**In. Revista Iberoamericana de Educación. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI.) n.º 48/2 – 10 de enero de 2009. Disponível em: [www.rieoei.org/deloslectores/2429Abreu.pdf](http://www.rieoei.org/deloslectores/2429Abreu.pdf). Acesso em 08/04/2013.

ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola Reflexiva e nova racionalidade.** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BRITO, Antonia Edna. **Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural.** In. Revista Iberoamericana de Educación. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). nº 44/4 - 10 de noviembre de 2007. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/1877Brito.pdf>. Acesso em 08/04/2013.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A de. **Etnografia da prática escolar.** 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 1995.



CARVALHO, Antonia Dalva França. A formação de professor e a aquisição da língua escrita na pré-escola. In: **Revista do Mestrado em Educação: Linguagem educação e Sociedade**, nº. 03. Teresina: EDUFPI, 1998.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? In. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

Censo 2010. Resumo Técnico- Censo Escolar 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**, Porto Alegre, 1985.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**, 10 ed. São Paulo, 1994.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRANÇA-CARVALHO, Antonia Dalva. A escola de tempo integral na perspectiva da educação integral: um estudo sobre a epistemologia escolar constituída apela gestão e organização do trabalho pedagógico. **Projeto de Pesquisa**. OBEDUC. Teresina. UFPI, 2013

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 03-27.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler. 50. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de letras. 1995.

KLEIMAN, Ângela. **A concepção escolar da leitura**. In: Oficina de leitura. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIN, Ruben. **Produção e utilização de indicadores educacionais**. 2. versão preliminar. [S.L], 1995. Mimeo.

MATTOS, C. L. G. de. Etnografia e Exclusão: aspectos psicossociais da Educação Inclusiva, **Documento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED)** da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Ago, 2004.

- MINAYO, M.C.S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MINAYO, M. C. S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NOVOA, Antonio,(Coord) **As organizações escolares em análise**: Lisboa: Dom Quixote. 1999
- SPERONI, K. S. **Reflexões a cerca do processo de leitura e escrita: compreender para transformar o ensino**. P@rtes.V.00 p.eletrônica. Julho de 2010. Disponível em <[www.partes.com.br/educacao/processodeleituraeescrita.asp](http://www.partes.com.br/educacao/processodeleituraeescrita.asp)>. Acesso em 08/04/2013.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. 10. ed. Tradução Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 1992. 367 p. \_\_\_\_\_ . HABERMAS, Jürgen. **Racionalidade e comunicação**. Tradução Paulo Rodrigues. Lisboa: 70 / Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 2002.
- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Escrita e leitura: natureza do processo*. In: **Leitura, produção de textos e escola. Reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1994.